
Os panfletos da campanha educativa da “União Protetora da Natureza” (1955-1963)

*The leaflets of the educational campaign of the
“União Protetora da Natureza” (1955-1963)*

Elenita Malta Pereira*

Resumo: O objetivo do presente artigo é investigar o caráter da campanha educativa em educação ambiental desenvolvida pela União Protetora da Natureza (UPN), fundada em 1º de janeiro de 1955, sendo, provavelmente, a primeira entidade de proteção à natureza no Rio Grande do Sul. Atuou no estado, com sede em São Leopoldo, durante oito anos, até a morte de seu fundador e único presidente, Henrique Luiz Roessler, em 14 de novembro de 1963. A pesquisa em desenvolvimento também se insere no campo da história ambiental, pois o exame dos panfletos de Roessler pode contribuir para um melhor entendimento das relações homem-natureza no Rio Grande do Sul. Especialmente no caso deste estudo, pode contribuir para um melhor entendimento de projetos de proteção da natureza que ocorreram antes do movimento ambientalista, constituído

Abstract: This paper investigates the characteristics of the campaign in environmental education promoted by the União Protetora da Natureza (UPN), founded in January 1, 1955. It was probably the first environmental protection agency in the state of Rio Grande do Sul. Its main office was in the city of São Leopoldo, and it was active for eight years, until the death of its founder and only president, Henrique Luiz Roessler, in November 14, 1963. This research is also related to environmental history, since the analysis of the leaflets published by Roessler may contribute to a better understanding of the relationship between man and nature in this state, as well as of environmental protection projects that existed before the environmental movement of the 1970's.

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do CNPq.

como um novo movimento social, na década de 70 (séc. XX).

Palavras-chave: União Protetora da Natureza. Educação ambiental. Henrique Luiz Roessler.

Keywords: União Protetora da Natureza. Environmental education. Henrique Luiz Roessler.

Introdução

A UPN, fundada em 1º de janeiro de 1955, foi, provavelmente, a primeira entidade de proteção da natureza no Rio Grande do Sul. Atuou no estado, com sede em São Leopoldo, durante oito anos, até a morte de seu fundador e único presidente, Henrique Luiz Roessler, em 14 de novembro de 1963.

Roessler (1896-1963) era funcionário da Capitania dos Portos da Marinha, na cidade de São Leopoldo, desde 1939, assumindo em 1944 o cargo de Delegado Florestal Regional, vinculado ao Ministério da Agricultura, função não remunerada que o colocava em contato com caçadores, desmatadores e empresas poluidoras do rio dos Sinos e de outros rios. Através desse trabalho, ele era informado das contravenções à natureza, que ocorriam em nosso estado.

Ainda empossado como Delegado Florestal, Roessler confeccionou vários panfletos para conscientizar as pessoas a respeito da caça predatória, da pesca com dinamite, da matança de peixes na irrigação das lavouras, das fundas (bodoques, estilingues) para matar passarinhos, etc. Formou uma rede de colaboradores entre os demais funcionários do Ministério da Agricultura no RS, que o ajudava a fiscalizar o cumprimento das leis e dos códigos de proteção da natureza. No fim de 1954, foi destituído do cargo com a alegação de que serviços não remunerados não eram permitidos no Estatuto do Servidor Público.

No primeiro dia de janeiro de 1955, em São Leopoldo, Roessler fundou a UPN. Reunindo seus companheiros de perseguição aos desmatadores e passarinheiros, funcionários públicos, jornalistas, comerciantes e advogados, em 1957, a instituição já contava com 280 sócios.

Chamou-me a atenção o conteúdo educativo do material distribuído pela UPN. Dessa forma, a pergunta-problema que norteou o presente trabalho pode ser assim descrita: Quais são as características de educação ambiental presentes nos panfletos da UPN? O objetivo foi analisar uma seleção desses folhetos, sob o enfoque da educação ambiental. Eram distribuídos em cerca de três mil escolas no Rio Grande do Sul e representaram um esforço pioneiro e rudimentar do que hoje se entende por educação ambiental.

Referenciais teóricos

A ideia de que se podia utilizar a educação para preservar o meio ambiente surgiu na Conferência de Estocolmo, promovida pela Unesco, em 1972, quando foi recomendado que se organizasse um encontro para debater o tema. Em 1977, na cidade de Tbilisi – Geórgia (URSS), ocorreu a “Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”. Esse evento é considerado um marco no desenvolvimento de um campo de EA¹ por diversos autores consultados.

Carvalho considera o ambiental como um novo campo de ação político-pedagógico. (2000, p. 54-55). Para a autora, talvez ainda esteja longe o tempo em que a sociedade e a natureza poderão formar uma nova aliança, e esse é o trabalho a ser feito, através da educação ambiental. Seu papel, como fomentadora da cidadania, é “a afirmação de uma sociedade de direitos, ambientalmente justa”. (p. 58).

A educação ambiental, portanto, tem um caráter político muito forte. Segundo Reigota, “a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. (2006, p. 10).

Reigota considera a escola o local privilegiado para se realizar educação ambiental. Roessler já tinha percebido a importância do ambiente escolar para divulgar ensinamentos de proteção da natureza. O objetivo aqui é investigar o caráter de sua campanha educativa, pois

possui vários elementos em comum com os preceitos da EA, como a finalidade de conscientizar os cidadãos para preservarem a natureza com vistas ao futuro. Porém, não podemos cair no relativismo e comparar as iniciativas de Roessler com uma campanha de educação ambiental como a que conhecemos hoje. Trata-se de algo diferente, com caráter rudimentar ainda, mas, na verdade, que abriu caminho de maneira inovadora, pois o normal na época era incentivar as crianças a matarem passarinhos, e não, a protegê-los.

A pesquisa também se insere no campo da história ambiental, pois o exame dos panfletos de Roessler pode contribuir para um melhor entendimento das relações homem-natureza no Rio Grande do Sul. Especialmente, no caso deste estudo, pode-se contribuir para um melhor entendimento de projetos voltados à proteção da natureza, os quais ocorreram antes do movimento ambientalista, entendido como um novo movimento social, na década de 70 (séc. XX).

Para analisar os panfletos da UPN, parte-se do pressuposto de que são documentos, que foram construídos, com uma intencionalidade, por Roessler. Embora a maioria dos panfletos seja ilustrada com desenhos, a concepção de Kossoy pode ser útil, pois salienta que (no caso, a fotografia) “é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente”. (2002, p. 59).

Os panfletos da UPN

Panfletos, cartazes, folhetos e editais foram uma constante no trabalho de Roessler, a partir da década de 40 (séc. XX), ainda antes da fundação da UPN. O primeiro exemplar encontrado por esta pesquisa foi o Edital 1, de 15 de fevereiro de 1939, emitido pela Delegacia da Capitania dos Portos do RS. Esse primeiro edital alertava para o cumprimento de disposições sobre o registro, a licença, a construção e a navegação de embarcações. Já nesse documento, abaixo das referências aos artigos, constavam, em negrito, duas recomendações que revelam o início das preocupações ambientais, ainda que sutil: “É considerado crime a pesca a dynamite.”² E “Os proprietários de terrenos marginaes deverão deixar o mato em pé numa largura de 15 metros, para evitar a erosão dos barrancos.”³

Na sequência, o segundo documento encontrado data de 1º de janeiro de 1942, emitido pelo Serviço Florestal do Ministério da Agricultura. Nesse edital, o subtítulo, em letras maiúsculas, era “CAMPANHA DE PROTEÇÃO À NATUREZA”.⁴ Foi o primeiro indício da campanha que seria empreendida, mais tarde, na década de 50 (séc. XX), pela UPN.

No texto, encontram-se disposições sobre: reflorestamento, proibição de queimadas, prazos e condições para replantio de árvores, além de informações sobre caça e pesca. Estavam listados os animais cuja caça e manutenção em cativeiro era proibida durante todo o ano, entre eles garças, colhereiros, pica-paus, quero-queros, sabiás, cardeais, e canários nacionais. Novamente havia a menção à pesca com dinamite como crime, bem como apareceu pela primeira vez a questão, que será mais tarde defendida por Roessler: a “destruição dos filhotes de peixes nas lavouras de arroz”.⁵

Já na década de 50 do mesmo século, através da UPN, na maioria dos panfletos constava: “Campanha Educativa da União Protetora da Natureza”, contendo desenhos do próprio Roessler e mensagens direcionadas essencialmente aos pais, para que educassem seus filhos a não matar passarinhos, o que era prática comum em vários municípios gaúchos. Sobre essa temática, podemos ressaltar quatro panfletos bem característicos do trabalho de Roessler.

O primeiro⁶ trazia, no alto, a mensagem “Destruir ninhos e matar pássaros é mau passatempo para os jovens”; abaixo, havia o desenho de um menino com bodoque ao peito e, nas mãos, um ninho de passarinhos, uma gaiola cheia e passarinhos mortos pendurados no punho. Ao lado dele, Roessler mostrava as maneiras mais usadas para “pegar” os bichinhos: o visgo, com ele se prendiam às árvores e caíam no alçapão; a *arapuca*, à qual o passarinho era atraído por um petisco e acabava ficando preso; o *mundéu*, que era, talvez, o mais cruel de todos, pois enforcava a ave. Em letra cursiva, com grande dimensão, estava escrito abaixo do desenho: “Responsáveis são os pais” e, em seguida, “porque, relaxando a educação dos filhos, criam malfeitores”. Uma última frase era destinada aos professores: “Aos mestres cabe a sublime missão de despertar e desenvolver na juventude o respeito e o amor à natureza.”

Roessler tentava despertar compaixão pelos animaizinhos, através de seus desenhos. As cenas cruéis, como do passarinho enforcado, pareciam ter a finalidade de chocar os “pequenos”. A cultura da caça aos passarinhos estava tão “enraizada”, principalmente na colônia italiana,

que o desenhista tinha que apelar para o lado sentimental da geração futura descendente dos imigrantes. Como se pode ver nesse panfleto, as mensagens eram dirigidas às crianças, aos jovens, aos pais e, também, aos professores. Ele tentava abarcar o máximo de pessoas possível, de preferência, as que podiam influenciar na educação dos infantes.

O segundo panfleto⁷ a ser examinado, como parte da campanha educativa da UPN, mostra um menino segurando o bodoque em posição de tiro, na direção de um ninho de passarinhos, onde a mãe (pássaro) alimentava os filhotes. Atrás do garoto, seu pai o acompanhava de espingarda na mão, e os dois – pai e filho – já tinham dependurados na cinta passarinhos mortos. Roessler sabia que os pais incentivavam os filhos a matar as aves e confeccionou esse panfleto direcionado, exclusivamente, para eles, com os dizeres: “Educação perniciosa – O pai ignorante que ensina o filho a matar passarinhos comete um imperdoável erro, porque cria um futuro destruidor da natureza.” Apesar do tom rude, nota-se a preocupação de Roessler com a educação para garantir o futuro. Nesse panfleto e em outros escritos, ele fazia referência à necessidade de se educarem as crianças para serem cidadãos conscientes no futuro. Essa noção se aproxima do conceito atual de educação ambiental, aliado à questão do desenvolvimento sustentável.

Outro panfleto interessante é o que contém no cabeçalho a mensagem: “Fundas não”,⁸ e o desenho de vários prejuízos que elas podiam causar à sociedade: matança de passarinhos, vidraças e lâmpadas quebradas, animais maltratados, placas estragadas, olhos vazados. Roessler queria, com esse impresso chamar a atenção da população em geral para as várias consequências do uso de fundas, não só a matança de passarinhos, mas, talvez, para ganhar a simpatia e o apoio da sociedade e do poder público. Por exemplo, uma dona de casa detestaria ter suas vidraças quebradas, e qualquer pessoa que fosse pega de surpresa por uma “pedrada perdida”, poderia ter, por isso, os olhos vazados ou qualquer outra lesão. Certamente, entraria na luta contra os malfadados bодоques. Com isso, Roessler conquistava aliados e, conseqüentemente, uma esperança de vitória, pois, se o uso de fundas diminuísse, também diminuiria o número de passarinhos mortos.

Também muito significativo é o folheto “Mais pássaros – melhores colheitas”,⁹ o qual enumerava seis argumentos, que condenavam a matança de passarinhos. Primeiro, Roessler falava de “quanto amor há nos ninhos”, como “símbolos de liberdade, plenos de vida e alegria”. O segundo ponto discorria sobre a “matança das avezinhas”, mesmo sua

caça sendo proibida. O terceiro argumento era ressaltado na foto do prato “passarinhada com polenta”, característico das tradições italianas, obtido por meio das “passarinhadas”, que causavam, segundo Roessler, “incalculáveis prejuízos à agricultura e pecuária em geral e à Economia Nacional, pela diminuição da produção de alimentos, resultante das doenças e mortes de animais, frutas bichadas e cereais roídos pelas pragas de insetos daninhos”. Em quarto lugar, os “insetos nocivos”, em virtude da matança dos pássaros, proliferavam-se, levando “os colonos e o Governo a gastar anualmente muitos milhões de cruzeiros em inseticidas para combater as pragas de larvas e insetos roedores e sugadores das plantas e transmissores das doenças dos animais”. Para Roessler, com a morte de passarinhos havia um duplo prejuízo, pois, além da perda do combate natural às pragas, ainda tinham de recorrer ao emprego de inseticidas que contaminavam os alimentos. O quinto ponto reforçava os argumentos anteriores, comparando “bico de pássaro ou veneno”; o bico seria muito mais eficaz, alcançando “os insetos escondidos debaixo das folhas e cascas”. O último ponto, encerrando a “moral da história”, era a condenação dos autores das matanças, das “passarinhadas”. De modo geral, pode-se inferir que o argumento principal, recorrente em vários panfletos e crônicas do autor, era a utilidade das avezinhas para a lavoura. Elas poderiam combater as pragas de maneira mais eficiente que os venenos e ainda sem cobrar nada.

Sobre a caça, há dois panfletos que merecem destaque: o primeiro, sem data, mostra o desenho de um caçador, empunhando uma arma em direção de sabiás pousados numa árvore, com os dizeres: “O que diz a lei sobre o que você está fazendo?”¹⁰ E abaixo: “Resposta – veja art. 11º do Código de Caça – páginas 4 e 5.” Roessler se referia a um “livrinho” que confeccionou contendo “extratos de legislação interessante para caçadores, proprietários rurais, educadores, fiscais de caça, protetores de animais silvestres e amantes da natureza”.¹¹ O referido artigo da lei dispõe, transcrito em letras maiúsculas, que

É PROIBIDA A CAÇA DE ANIMAIS ÚTEIS À AGRICULTURA, POMBOS CORREIO, PÁSSAROS CANOROS E INSETÍVOROS E DE PEQUENO PORTE, AVES ORNAMENTAIS E AS ESPÉCIES RARAS, EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E SOB QUALQUER PRETEXTO.¹²

Constava, ainda, uma observação – texto de Roessler – reforçando a necessidade de proteção “dos animais úteis e raros, especialmente dos pássaros destruidores de insetos, em benefício da agricultura”. E novamente está ressaltado em letras maiúsculas: “PASSARINHO NÃO É CAÇA.” Ele recomendava aos caçadores que, antes de usar a arma, lessem a “Portaria Anual da Caça”. No panfleto citado, Roessler se utilizava da Lei de Caça, no caso o artigo 11º [sic], para legitimar sua advertência aos caçadores de passarinhos.

O segundo panfleto a enfatizar é um teste para o caçador se conhecer melhor, intitulado: “Que espécie de caçador é você?”¹³ Continha 80 perguntas, que permitiam verificar se o indivíduo caçava de acordo com as leis ou não. Entre os questionamentos, podemos destacar: “Você empresta sua arma para outros caçarem?”; “Você caça no período do defeso?”; “Você mata animais protegidos?”; “Você mata passarinhos?” As perguntas visavam a que o caçador fizesse uma espécie de exame de consciência, para ver se estava agindo corretamente em sua caça, de acordo com as leis, ou praticando contravenções. Ao término das questões, Roessler convidava o caçador a “reeducar-se para tornar-se um legítimo caçador”, e, ainda, um segundo convite: a ser “sócio cooperador da União Protetora da Natureza”. Na verdade, Roessler não era contrário à caça, desde que fosse responsável e dentro das regras e da lei.

A coruja foi defendida por Roessler, através de um panfleto da UPN, que trazia estampada a foto de um desses animais, segurando um rato em suas garras. Abaixo, a frase em destaque: “A coruja come rato!”¹⁴, que alertava a população acerca da utilidade da ave como exterminadora de pragas. Porém, “o ‘passarinheiro’ mata e come a coruja”, o que fazia com que aumentasse o número de ratos, “que de noite vão comer o trigo na lavoura, de cujos prejuízos são injustamente acusados os tico-ticos, e outras avezinhas exterminadoras dos insetos nocivos dos trigais, como pretexto para serem caçados e comidos pelo ‘passarinheiro’”. Roessler explicava, no panfleto, a cadeia de prejuízos advinda da matança das corujas. Ele percebia que o sistema estava interligado; quando uma espécie predadora diminui, é normal que a presa se reproduza com facilidade. No caso, os ratos eram beneficiados, entretanto, isso causava a depredação da lavoura, que, depois, era creditada aos passarinhos, como desculpa para sua caça.

Sobre a temática florestal, podemos destacar dois panfletos: um deles, “O reflorestamento em ação”¹⁵ traz um desenho, em forma de sombras, de dois homens: um de enxada na mão, provavelmente cavando

um buraco, e o outro colocando uma muda de árvore no solo. A mensagem lista cinco vantagens em “plantar árvores: é uma das mais nobres e patrióticas atividades rurais; constitui o mais garantido emprego de capital, significa um sólido seguro de vida; valoriza a terra e garante a água; é prova de inteligência e previdência do proprietário rural”.

O outro panfleto em destaque é o que veicula, no cabeçalho, a seguinte mensagem: “O reflorestamento é obrigatório”¹⁶ e, abaixo, o desenho de uma mata de araucárias, voltado à conscientização do benefício que o reflorestamento representa, por si: “Plantem árvores – enquanto vocês dormem elas crescem, garantindo-lhes um futuro melhor”, e “Nunca é tarde demais para plantar uma árvore”. Roessler enfatizava as vantagens do ato de reflorestar, “que realiza milagres que maravilham, é um ótimo emprego de capital, um sólido seguro de vida”. Ele tentava mostrar o lado prático, útil da preservação da natureza, pois, do contrário, as pessoas não se interessariam pelo assunto.

Assunto habitual nos escritos do ambientalista, a pesca foi tema de panfletos muito interessantes. Um deles, “A ruína da pesca”¹⁷ apresenta uma nova versão de dispositivo para impedir que filhotes de peixe entrem na lavoura. Segundo o folheto, o aparelho protetor era “exigido desde 1937 pela Lei”. Ele consistia numa caixa de tela com malhas de 1cm², acoplada à válvula de sucção das bombas de irrigação nas plantações de arroz. A ação de cerca de duas mil bombas desprovidas do dispositivo de proteção causava o extermínio de peixes (alevinos – ovos, filhotes) nos arrozais. Esse panfleto apresentava o desenho de como ficaria adaptado o aparelho na válvula e também de como a bomba sugaria os peixes pequenos, de até 20cm, se não contar com a tela protetora. Pelo que indicava a ilustração, seria bem fácil e barata sua instalação, porém era raríssimo algum agricultor cumprir a lei. Numa crônica de 28 de abril de 1961, Roessler relatou que “nem 1% dos orizicultores adaptam aparelhos protetores da fauna aquática nos ralos das bombas”.¹⁸ As desculpas em geral diziam que o agricultor ignorava a lei, ou que não teve tempo, ou que esqueceu, ou que a enchente carregou a tela, etc. Alguns queriam, mesmo, que os peixinhos entrassem, para servir como adubo ou para alimentar seus porcos. O descumprimento da norma era tão comum, que Roessler chegou a destacar um único plantador de arroz que cumpriu com rigor o que a lei determinava.

Considerações finais

Dentre as *causas* defendidas por Roessler na UPN, a que motivou mais panfletos, pelo número encontrado nos arquivos, parece ter sido a questão da caça aos passarinhos. Foi também a que mobilizou maior energia para as perseguições que ele realizava, pessoalmente, acompanhado de seus colaboradores.

Nos panfletos de Roessler, percebe-se um grande esforço para alertar a população sobre os problemas ambientais vividos na época, nos anos 40, 50 e 60 (séc. XX). Suas mensagens, de caráter explicitamente educativo, podem ser caracterizadas como um esforço de promover educação ambiental, não exatamente entendida como hoje, século XXI, porém contendo alguns elementos representativos da EA.

Dentre as características de EA, segundo a Unesco,¹⁹ podemos destacar, nos panfletos da UPN, que havia um sentido de globalidade em seu projeto educativo, ao perceber que os seres vivos estão interligados e que dependem uns dos outros para sobreviver. Havia, também, a proposta de uma melhor relação do homem com a natureza, cuja separação, em vista do progresso acelerado, era causadora dos problemas ambientais. A ação, uma das características da EA, era fundamental no trabalho de Roessler, aliada à produção escrita. E essa ação era direcionada a problemas reais e concretos, que ele bem conhecia no Rio Grande do Sul.

Outro ponto importante é que os panfletos da UPN conclamavam a participação popular à denúncia e à própria perseguição aos infratores. Entretanto, o elemento mais importante que emerge do conteúdo dos panfletos é o caráter educativo. Roessler acreditava no poder da educação. Vários de seus folhetos eram direcionados a professores, pais e alunos, na esperança de que uma ação conjunta pudesse formar pessoas mais conscientes no futuro. Só assim a natureza e, principalmente os passarinhos, teriam uma chance de sobreviver.

Notas

- ¹ EA: sigla usada para designar, *Educação Ambiental* conforme decisão dos autores que desenvolvem o tema.
- ² MINISTÉRIO DA MARINHA. *Edital Nº. 1*. Arquivo particular de Henrique Roessler, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A grafia dos documentos está como consta nos documentos, de acordo com a escrita de Língua Portuguesa da época.
- ³ Idem. O combate à pesca com dinamite foi uma das causas defendidas por Roessler, e ocorria principalmente na primavera, que é a época de acasalamento dos peixes nos rios gaúchos.
- ⁴ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA – SERVIÇO FLORESTAL. *Edital – Campanha de Proteção à Natureza*. Arquivo particular de Henrique L. Roessler, Arquivo Histórico/RS.
- ⁵ Idem. Roessler foi cronista do Suplemento Rural do *Correio do Povo*, de 1957 a 1963, tendo publicado cerca de trezentos textos. Em várias de suas crônicas, Roessler denunciava a matança de peixes, especialmente dos filhotes, nos dutos de sucção que retiravam água dos rios, lagos e açudes para irrigar plantações de arroz.
- ⁶ ROESSLER, Henrique L. *Destruir ninhos e matar pássaros é mau passatempo para os jovens*. AHRS.
- ⁷ ROESSLER, Henrique L. *Educação perniciosa*. AHRS.
- ⁸ ROESSLER, Henrique L. . *Fundas não*. AHRS.
- ⁹ ROESSLER, Henrique L. *Mais pássaros – melhores colheitas*. MVSL.
- ¹⁰ ROESSLER, Henrique L. *O que diz a lei sobre o que você está fazendo?* MVSL.
- ¹¹ ROESSLER, Henrique L. *Livreto de Legislação sobre caça*. MVSL.
- ¹² Ibidem, p. 4 e 5.
- ¹³ ROESSLER, Henrique L. *Que espécie de caçador é você?* MVSL.
- ¹⁴ ROESSLER, Henrique L. *A coruja come rato!* Panfleto do MVSL.
- ¹⁵ ROESSLER, Henrique L. *O reflorestamento em ação*. AHRS.
- ¹⁶ ROESSLER, Henrique L. *O reflorestamento é obrigatório*. AHRS.
- ¹⁷ ROESSLER, Henrique L. *A ruína da pesca*. Arquivo Particular de Maria Luiza Roessler.
- ¹⁸ ROESSLER, Henrique L. Peixinhos para adubo e criação de porcos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 abr. 1961. Suplemento Rural.
- ¹⁹ UNESCO. *Conferencia intergubernamental sobre educación ambiental*. Informe Final, Tbilisi-URSS, Informe ED/MD, 49, Paris, 1978. Texto da conferência, onde constam características da EA, tais como: um sentido global, consciente da interligação dos seres vivos; promoção de uma melhor relação homem-natureza; a necessidade de ação; a participação popular; a educação como veículo de transmissão da necessidade de se proteger a natureza, entre outros.

Referências

- CARVALHO, Isabel. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógico. In: LOUREIRO, Carlos Frederico et al. (Org.). *Sociedade e meio ambiente: educação ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica*. Porto Alegre: Ed. da Universidade; UFRGS, 2001.
- CENTENO, Ayrton. *Roessler: o primeiro ecopolítico*. Porto Alegre: JÁ, 2006.
- HORTA, Regina Duarte. *História & natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê, 2002.
- LOUREIRO, C. F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ROESSLER, Maria Luiza. *O homem do rio*. Porto Alegre: Age, 1999.
- ROESSLER, Henrique Luiz. *O Rio Grande do Sul e a ecologia: crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.
- ROESSLER, Henrique Luiz. Peixinhos para adubo e criação de porcos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 abr. 1961. Suplemento Rural.
- UNESCO. *Conferencia intergubernamental sobre educación ambiental*. Informe Final, Tbilisi-URSS, Informe ED/MD, 49, Paris, 1978.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.
- Fontes: Panfletos selecionados**
- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS)
- MINISTÉRIO DA MARINHA. *Edital 1*.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA – SERVIÇO FLORESTAL. *Edital – Campanha de Proteção à Natureza*.
- ROESSLER, Henrique. *Destruir ninhos e matar pássaros é mau passatempo para os jovens*. ROESSLER, Henriquem L. *Educação perniciososa*.
- ROESSLER, Henrique L. *Fundas não*.
- ROESSLER, Henrique L. *O reflorestamento é obrigatório*.
- ROESSLER, Henrique L. *O reflorestamento em ação*.
- Museu Visconde de São Leopoldo
- ROESSLER, Henrique L. *A coruja come rato!*
- ROESSLER, Henrique L. *Livreto de legislação sobre caça*.
- ROESSLER, Henrique L. *Mais pássaros: melhores colheitas*.
- ROESSLER, Henrique L. *O que diz a lei sobre o que você está fazendo?*
- ROESSLER, Henrique L. *Que espécie de caçador é você?*
- Arquivo Particular de Maria Luiza Roessler (neta de Henrique L. Roessler)
- ROESSLER, Henrique L. *A ruína da pesca*.

Recebido em 18 de maio de 2009 e aprovado em 22 de junho de 2009.